



Para uma relação entre a *Lectio Divina* e a espiritualidade mariana

In defense of a relationship between the *Lectio Divina*
and Marian spirituality

Robson Stigar^{1*}

Vanessa Roberta Massambani Ruthes^{2**}

Resumo: Este artigo abordará a forma como a espiritualidade da *Lectio Divina* se fez presente e contribuiu na formação de Maria, a primeira discípula. Para tanto, num primeiro momento vamos apresentar as origens da *Lectio Divina*, posteriormente a concepção na qual nos fundamentamos e por fim demonstrar como esse tipo de espiritualidade se fez presente na experiência mariana de Deus.

Palavras-chave: *Lectio Divina*. Espiritualidade. Maria.

Abstract: This paper will discuss how the spirituality of *Lectio Divina* was present and contributed to the formation of Mary, the first disciple. Therefore, at first we present the origins of *Lectio Divina*, later in the design which we have considered and finally demonstrate how this kind of spirituality was present in the Marian experience of God.

Keywords: *Lectio Divina*. Spirituality. Maria.

Recebido: 23/08/2013

Aprovado: 16/09/2013

.....
¹ Mestre em Ciências da Religião – PUCSP. E-mail: robsonstigar@hotmail.com.

² Mestra em Teologia – PUCPR. E-mail: vanessa_ruthes@yahoo.com.br.

Introdução

Nos últimos anos – principalmente após o *Sacrosanctum Concilium* Vaticano II, quando se volta a “propor a primazia da Palavra de Deus na vida da Igreja” (FIORES; GOFFI, 1993, p. 897), – ocorreu uma orientação cada vez maior para a dedicação ao estudo e oração das Sagradas Escrituras.

A Constituição *Dei Verbum*, utilizando-se das Palavras de Santo Agostinho, expressa a importância desse resgate para ação evangelizadora da seguinte forma: “Para que o mundo inteiro, ouvindo, acredite na mensagem da salvação, acreditando espere e esperando ame” (DV 1). A mesma Constituição ressalta que é dever dos padres, dos religiosos e dos leigos, principalmente os que se consagram ao ministério da palavra, como os catequistas, se dedicar ao estudo profundo da Sagrada Escritura. Mas acima de tudo estes devem lembrar: “Que a Leitura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem [...] a fim de que nenhum destes se torne pregador vão e superficial da Palavra de Deus, por não a ouvir de dentro” (DV 25).

Após esse acontecimento central na vivência eclesial do século XX, o resgate da Palavra, na celebração comunitária e na oração pessoal, se constituiu duas tarefas fundamentais no caminho espiritual. Em especial, no que tange à oração pessoal, houve o ressurgimento de um antigo estilo de espiritualidade, a *Lectio Divina*. Tal se fundamenta na crença da atuação da Palavra de Deus como plasmadora da vida humana.

Ela se expressa por meio da vivência de quatro fases-mestra e interdependentes da vida espiritual: leitura, meditação, oração e contemplação. Tem sua origem no Judaísmo, mais especificamente no período da reconstrução do Templo de Jerusalém, e influenciou o Cristianismo Primitivo.

Uma figura de ligação entre os dois períodos e que vivenciou profundamente essa experiência foi a Virgem Maria. Ela, além de herdeira de uma tradição espiritual, recebeu em seu ventre a própria Palavra encarnada (Jo 1,14).

A Escritura como escola de vida no Judaísmo e no Cristianismo Primitivo

Nos últimos cinquenta anos iniciou-se um movimento para um maior reconhecimento das relações existentes entre o cristianismo e o judaísmo. Muitos documentos ressaltam a dimensão de que “o encontro entre o povo de Deus da Antiga Aliança, que jamais foi cancelada, e o da Nova Aliança é ao mesmo tempo um diálogo interno à nossa Igreja” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2002, p. 240).

Em estudos históricos acerca do cristianismo nascente, é nítida a percepção das influências judaicas: a crença em um único Deus, Salvador e operante na História; a fé na manifestação divina; a relação de temor e confiança com a Divindade; o conteúdo axiológico pressuposto na natureza humana e o relacionamento com a Sagrada Escritura (cf. TARNAS, 2000, p. 108-117; AUSUBEL, 1989, p. 210-228), entre tantos outros pontos que podem ser citados. Em especial vamos nos ater a este último tema: a grande influência judaica que o Cristianismo Primitivo sofreu no que diz respeito ao seu relacionamento com a Sagrada Escritura.

Na formação do judeu a Escritura, ou melhor, a *Torah*, tem um papel primordial: formar o homem e encaminhá-lo na senda reta, nos caminhos de Deus. Isso porque eles a compreendem como Revelação Divina capaz de moldar a realidade.

Em hebraico, palavra é *dabar*, que etimologicamente significa: o âmago das coisas, aquilo que nelas se encontra escondido. Assim, a Palavra significa, em uma visão judaica, exprimir o que está nas coisas, tornar visível e atuante o que lhes é interior, como sua realidade dinâmica mais profunda; em outras palavras, exprime e leva à realização de sua vocação.

Nesse sentido é que se pode compreender a afirmação do Profeta Isaías: “Assim será a minha Palavra, que sai de minha boca: não voltará vazia para mim, mas realizará a minha vontade e cumprirá a minha recomendação” (Is 55,11).

Sendo a própria Palavra a ação de Deus, sua leitura, meditação e oração trariam o ensinamento necessário a uma vida de justiça. É interessante perceber que a tradução mais exata (cf. MIHALOVICI, 1974, p. 90; AUSUBEL, 1989, p. 81) de *Torah* é ensinamento, mas um ensinamento que visa indicar a direção para a qual se deve caminhar. Assim seu estudo se torna um imperativo na vida do povo judeu.

A *Torah* é a revelação divina compreendida nos cinco livros de Moisés, continuada e explicada pelos profetas e por outra tradição não escrita, a dos Padres. Tem a autoridade por causa de sua origem divina. Sua finalidade é conduzir o homem no caminho reto da Vida (MIHALOVICI, 1974, p. 89).

Se você se aplicou ao estudo da Lei, não tenha isso como mérito, pois para isto fostes criado... Quanto mais se pratica a Lei, mais se vive. O que assimilou as palavras da Lei adquire a vida no mundo futuro (MIHALOVICI, 1974, p. 91).

Isso pode ser verificado já no século V antes de Cristo, quando o povo – homens, mulheres e crianças – se reunia para ouvir a Palavra que era proclamada por Esdras³ e dele receber ensinamentos. Nessa linha várias traduções e comentários da Escritura foram feitos pelos mestres judeus, que tinham como finalidade colocar a Palavra ao alcance de todos. Os comentários

.....
³ Cf. Ne 8.

tecidos deram origem ao *Talmud*, que etimologicamente significa estudo, o estudo da *Torah*, o qual não se constitui somente pelos escritos rabínicos, mas também por toda uma tradição oral.

É interessante perceber que, nesta perspectiva, a Escritura possui um outro papel muito importante: de manter Israel unido, como um povo e com seu Deus, apesar de todas as adversidades e separações que sofreram na história. “Tal perda é insignificante em comparação com a *Tanak* [com a Bíblia] – o tesouro imperecível que salvaram” (AUSUBEL, 1989, p. 77). Assim Ela se constitui vínculo, uma “pátria portátil” (AUSUBEL, 1989, p. 76).

No Cristianismo Primitivo, após o Edito de Milão, gozando de liberdade de culto, novas formas de buscar a Deus começaram a surgir, dentre elas aquela que na solidão procurava o caminho da justiça: a vida monástica. Ela, ao longo do tempo, foi adquirindo diferentes expressões, mas em especial um grupo de monges e monjas eremitas, chamados pais e mães do deserto, do Egito do século IV, criaram um sistema de vida que era totalmente norteado pela Sagrada Escritura. Dedicavam-se ao seu estudo e compreensão. Contudo, não se deve pensar, como na mentalidade atual, que visavam somente, por uma análise crítico-histórica, desvendar significados semânticos, mas sim à luz divina clarear o significado do texto e assim procurar direcionar sua vida conforme o ensinamento (cf. BURTON-CHRISTIE, 1993, p. 35).

Assim, percebe-se que a Escritura não era somente um objeto de estudo, mas um sustentáculo espiritual. Por meio da dedicação a Ela os pais e mães do deserto refazem suas concepções e permitem que a Palavra penetre em seus corações e em suas comunidades. Dessa maneira compreende-se que todo o estudo tem a finalidade de conduzir a uma transformação ou a uma conversão.

Desse modo, a interpretação feita da Escritura se expressava eminentemente por uma vida de santidade transformada pelo diálogo constante do fiel com as Escrituras e pela constante consciência da presença de Deus, a qual proporcionava, ao monge, o alcance do escopo da vida: “A pureza de coração” (CASSIANO, 2003, p. 22).

A *Lectio Divina* como escola de vida

Como todo conceito e toda prática, a *Lectio Divina* durante toda a história recebeu várias interpretações; ela possuía um sentido original, que foi sendo modificado. Por esse motivo se faz necessária uma caracterização desse sentido.

A expressão *lectio divina* provém do latim. A palavra *divina* possui uma interpretação mais fácil; ela é uma derivação do adjetivo latino *divinu*, que indica aquilo que é relacionado ou pertencente a Deus. Já a palavra *lectio* significa, em primeiro, lição; num sentido derivado pode significar também um texto ou conjunto de textos dos quais se obtenha uma lição ou ensinamento.

Posteriormente ela também foi traduzida por leitura, contudo, nesta significância há dois problemas correlacionados: um etimológico e o outro de originalidade.

Etimologicamente a palavra leitura vem do latim *legere*, que significa a atitude de conhecer, compreender e interpretar por meio da leitura, e retirar delas lições. Até aqui não há nenhum problema, contudo, tal atitude ante a Escritura não está ligada a uma racionalidade metódica; a finalidade da *Lectio* é acima de tudo espiritual e existencial. Referente a isso um dos Padres da Igreja, Orígenes, já alertava para tais riscos: “Quanto a ti, entrega-te com zelo à leitura das Escrituras, com fé e com a boa vontade que agrada a Deus. Não basta bater e procurar; o que é preciso, antes de tudo, para obter a inteligência das coisas divinas, é a oração” (ORÍGENES. *Contra Gregório Taumaturgo*, 3. Apud CLÉMENT, 2003, p. 94).

Há também outro problema: originalmente a *Lectio* não se configura uma atitude humana perante o texto sagrado, mas sim a própria Sagrada Escritura, “*Lectio Divina* é sinônima de *sacra pagina*” (VEILLEUX, 1995, p. 2.). Isso pode ser visto em vários escritos da época, como: “Tenha em mãos a *Lectio Divina*” (*lectio* = Sagrada Escritura).

É o próprio livro sagrado que nos ensina tais e tais lições; estas que deveriam ser observadas e vivenciadas. Assim a *Lectio Divina* é mais que uma simples leitura espiritual ou oração com a Palavra de Deus, ela é uma *escola de vida* na qual o fiel atento ao ensinamento procura aplicá-lo em sua vida por uma constante busca de conversão de seus costumes. Portanto, é uma escola da vida enquanto se constitui uma disposição de busca de conversão cotidiana.

Alguém perguntou a abba Antão: “que devo fazer para agradar a Deus?” Respondeu o ancião: “Observa o que te ordeno: onde quer que vás, tem sempre a Deus diante dos olhos; o que quer que faças, tem o testemunho das Sagradas Escrituras, de qualquer lugar onde estiveres não te afastes facilmente. Observa estas três coisas e serás salvo” (Abba, 34. Apud REGNAULT. 2000, p. 42-43).

Contudo, aqui surge outro problema: para se ter acesso a essas lições é necessário proceder-se a uma leitura do texto; então, como se deve entender leitura em toda a dimensão da *Lectio Divina*? Efetivamente a leitura é um instrumento, mas ela não se constitui a finalidade; ela é um primeiro passo que leva à atitude primordial, a uma *meditatio*, a uma *ruminatio*, uma meditação e ruminação do texto sagrado, da *Lectio Divina*, da lição divina.

Nesse sentido é que afirmarmos que a *Lectio* é uma escola de vida, pois como afirma São Paulo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra” (2Tm 3,16-17); e como praticavam os Santos Padres: “Uma atenção constante, que em si mesma se torna uma oração constante” (VEILLEUX, 1995, p. 3), cujo fruto é uma conversão que se dá no cotidiano em uma encarnação da Escritura.

Poder-se-ia questionar: de que forma poder-se-ia vivenciar a experiência da *Lectio Divina*? Primeiro cabe recapitular: a *Lectio*, em seu sentido e prática original, tinha uma perspectiva de conversão por meio da aplicabilidade das lições divinas contidas na Sagrada Escritura.

Segundo, como se viu, os métodos existentes, que são inúmeros, muitas vezes mais dificultam do que possibilitam um verdadeiro relacionamento com o Pai. Portanto, para auxiliar nesse intuito, utilizar-se-á o escrito do monge cartuxo Guigo II, uma carta que doava diretrizes para a vivência da *Lectio*: “Sobre a vida contemplativa, ou escada dos monges”.

Ele inicia sua carta fazendo uma alusão à passagem do sonho de Jacó, quando viu “uma escada que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu, e anjos de Deus subiam e desciam pela escada” (Gn 28,12), porque, como os anjos subiam essa escada, afirma que também os cristãos devem subi-la por meio de quatro degraus. Contudo, aqui é interessante ressaltar que – apesar de o monge fazer alusão a degraus e os abordar de forma subsequente – não há a defesa de um método, mas de etapas que são vivenciadas, não importando a ordem, mas que fazem parte de uma espiritualidade pautada na Palavra.

É verdade que uma boa parte da tradição interpretou os escritos como um método, mas é necessário um novo olhar: entre os dois planos, celeste e terrestre, há uma escada que é sinal de união, em que os anjos sobem e descem, podendo-se inferir que antes o que estava no plano superior (céu) converte-se num plano inferior (terra).

Portanto, eles não se autoexcluem, mas há uma dinâmica, um movimento contínuo de ascendência e descendência; esse movimento, que é eterno, reproduz o mesmo *sempre novo*, atualizando. Sendo assim, a escada, nesse contexto, não indica somente subida, mas também descida; indica relacionamento. Um subir da alma até Deus e um descer de Deus até a alma. É nesse contexto que o escrito de Guigo deve ser inserido: os degraus são meios de se chegar a Deus, mas não se constituem em um caminho a ser seguido necessariamente e em ordem; não é método, mas diretriz espiritual.

Os quatro degraus, ou as quatro diretrizes, são: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação, que se constituem em etapas vivenciadas ao longo do crescimento espiritual da pessoa humana.

Como já foi visto anteriormente, a leitura e a meditação são as duas realidades primeiras para a *Lectio*, pois é por meio da leitura, do contato com a Escritura, que é uma pequena análise existencial, que se começa o relacionamento com a Escritura.

A partir disso pode ser que, dependendo da Vontade da pessoa, haja um momento de meditação, de ruminação, de perceber o que aquela Palavra nos incita a reconhecer e a mudar em nossas vidas. Essa realidade não é simplesmente teórica, mas leva e impulsiona à prática; uma meditação que permaneça em si mesma, em uma análise daquilo que Deus quer das pessoas, que não é aplicada à vida cotidiana, como busca de conversão, não se constitui enquanto tal. A meditação cristã sempre leva a uma mudança, a uma ação.

Mas ainda não acaba toda a dimensão da *Lectio*; o meu impulso de mudança, de busca de conversão não pode ser uma atitude meramente humana; o ser humano por si só não pode

realizar isso; é necessário ter consciência da necessidade de Deus, pois se ele não criar, não renovar e não abrir, nada se pode fazer. Como diz Bento XVI em sua primeira encíclica:

No que diz respeito aos colaboradores [...] não devem se inspirar nas ideologias do melhoramento do mundo, mas deixarem-se guiar pela fé que atua pelo amor. Por isso, devem ser pessoas movidas antes de mais nada pelo amor de Cristo, pessoas cujo coração Cristo conquistou com seu amor [...]. O critério inspirador da sua ação deveria ser a afirmação presente na II Carta aos Coríntios: “O amor de Cristo impulsiona”. A consciência de que, n’Ele, o próprio Deus Se entregou por nós até a morte, deve induzi-nos a viver, não mais para nós mesmos, mas para Ele e com Ele para os outros (DCE 33).

Para que isso verdadeiramente aconteça é necessária a ação da Palavra, por meio da oração no coração humano. “Considera que a oração é a chave que abre o verdadeiro sentido das Escrituras” (ISAAC, o Sírio. *Tratados ascéticos*, 73. Apud CLÉMENT, 2003, p. 94). No segundo capítulo demonstrou-se como, na Palavra, Cristo age no coração humano, quando se pretende estabelecer um relacionamento com ele. Mas aqui é interessante ressaltar que tipo de oração se fala. Na história da espiritualidade cristã existem vários métodos de oração, todos procurando estabelecer uma proximidade entre o homem e Deus.

É um verdadeiro abandono em Deus que necessita de abertura e confiança de que Ele realizará em ti Sua vontade mediante a sua vontade particular e empenho. Poder-se-ia questionar: “Isso é loucura! Na sociedade atual não há como o leigo católico vivenciar essa dimensão!”

A isso nos previne Santo Antão: “Tempo virá em que os homens serão loucos e quando vierem algum que não é louco, levantar-se-ão contra ele dizendo: ‘Tu és louco’, porque não é como eles” (Alph. 25. In: REGNAULT, 2000, p. 95). Os valores da sociedade atual não são valores cristãos; cabe a cada um optar por quais valores irá pautar sua vida e sua conduta.

Levantemo-nos, então, finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: “Já é hora de nos levantarmos do sono”.⁴ E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações”.⁵ E de novo: “Quem tem ouvidos para ouvir,⁶ ouça o que o Espírito diz às Igrejas”.⁷ E que diz? “Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensina-

⁴ Rm 13,11.

⁵ Sl 95,8.

⁶ Mt 11,15.

⁷ Ap 2,7.

rei o temor do Senhor”⁸. “Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam.”⁹ E procurando o Senhor o seu operário na multidão do povo ao qual clama estas coisas, diz ainda: “Qual é o homem que quer a vida e que deseja ver dias felizes?”¹⁰ Se, ouvindo, responderdes: “Eu”, Deus te dirá: “Queres a verdadeira vida, a eterna? Guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram falsidade. Afasta-te do mal, faze o bem, procura a paz e segue-a”.¹¹ E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei; “Eis-me aqui”¹² (BENTO DE NUR-SIA, 1995; Pr 8-18).

Mas deve-se ter, também, consciência de que o mundo é o lugar do cristão, foi onde Cristo viveu e é onde nós devemos também estar doando um exemplo diferente, sendo sinal de contradição. Por isso o próprio Jesus rezou: “Dei-lhes a tua palavra, mas o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Santifica-os pela verdade. A tua Palavra é a verdade” (Jo 17,14-16). Assim por meio da Palavra há a possibilidade de nossa santificação.

Nessa dimensão de vida – de um Deus, efetivamente, próximo – é que a contemplação é possível. Poder-se-ia perguntar: no que consiste a contemplação? A palavra vem do latim *contemplare* e significa estar sob o templo, sob a presença de Deus. É mais que, como comumente se sabe, um ver; é estar, permanecer com Deus.

Essa é a beleza da *Lectio*: ela é encarnada na vida, não é um momento, mas um contínuo ler, meditar, orar e contemplar, uma escola de vida.

Maria, a discípula que a Palavra plasmou

A partir da concepção de *Lectio Divina* que apresentamos, queremos agora discorrer, nesta seção, acerca da experiência mariana desse tipo de espiritualidade (cf. OLIVEIRA, 1990, p. 18). Para tanto, nos toca refletir sobre a afirmação encontrada no evangelho de Lucas, quando, ao receber o anúncio do anjo, ela exclama: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

.....
⁸ Sl 34,12.

⁹ Jo 12,35.

¹⁰ Sl 34,13.

¹¹ Sl 34,14-15.

¹² Sl 34,16; Is 58,9.

Segundo Boff: “À diferença do imperativo, como no *faça-se a tua vontade*, do Pai-nosso e [...] o optativo *oxalá se faça* indica uma disposição alegre, um desejo ardente, [...] para que se cumpra a palavra do anjo, ou seja, o plano do Senhor” (2004, p. 52). Tal desejo expressa um antigo sentimento do povo de Israel, que na época do exílio foi expresso pelo profeta Jeremias: o de deixar Deus moldar o interior, o coração de cada um.¹³

Poderíamos questionar: mas de que forma a Palavra agiu no coração da Virgem? Para responder tal questão torna-se necessário resgatar o que afirmamos na primeira parte deste artigo: a concepção de Palavra. Para os judeus a referência da Palavra se remetia à experiência criadora do Gênesis;¹⁴ era o pronunciar dela que gerava a criação. Ela é viva e eficaz, torna visível e atuante a essência da realidade, a vocação desta. Para os cristãos o sentido da Palavra não é muito diferente do que para os judeus.

É no Evangelho de São João que se encontra a passagem da qual se retira o conceito: “No princípio já existia a Palavra e a Palavra se dirigia a Deus e a Palavra era Deus. [...] [E] e a palavra se fez homem e habitou entre nós” (Jo 1,1.14). O evangelista escreve para os gregos e utiliza-se de um conceito grego para se referir à Palavra.

Etimologicamente Palavra, em grego, é *λογος*,¹⁵ que possui, segundo uma interpretação judaico-cristã,¹⁶ dois outros sentidos: como agente da criação e como o intermediador entre Deus e o homem. Nesta concepção a Palavra é deveras atuante na vida humana; por meio dela a Revelação divina acontece.

Com essa questão em mente é necessário ressaltar a posição da Virgem ante os diversos acontecimentos da vida de Jesus, o Verbo do Pai. Como afirma o evangelista Lucas: “Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos estes fatos em seu coração” (Lc 2,51).

A atitude de Maria, de conservar os fatos no coração, está diretamente ligada a duas fases da *Lectio Divina*: a leitura e a meditação (*ruminatio*). Pois, no cotidiano da vida do Cristo, ela percebia a manifestação do Verbo, a pessoa de Jesus Cristo. Nele, no mistério de seu nascimento, vida, pregação, paixão, morte e ressurreição, está o núcleo central da fé cristã católica, e aqui se encontra a beleza: Jesus é o Logos do Pai, a Palavra que encarnada assume sobre si a natureza pecadora do homem, para que fosse possível revelar a este sua natureza divina.

.....
¹³ Cf. Jr 18,1-6.

¹⁴ Gn 1,1-2.

¹⁵ Logos.

¹⁶ Esta interpretação foi realizada por um pensador chamado Fílon de Alexandria, que pretendeu fazer uma síntese do pensamento grego helênico com o judeu. Seus escritos foram muito utilizados e influenciaram grandemente a Cristandade nos seus anos de formação, como também a São João Evangelista em sua concepção acerca do Verbo Divino.

Essa percepção era introjetada em sua interioridade, iniciando um processo no qual a simbiose das três outras fases – *ruminatio*, oração e contemplação – proporcionasse o paulatino plasmar da Virgem como a “primeira e mais perfeita discípula de Cristo” (Mc 35).

Considerações finais

O presente artigo procurou apresentar brevemente que é possível estabelecer uma relação entre a *Lectio Divina* e a Espiritualidade Mariana. Entendemos que tanto a *Lectio Divina* como a Sagrada Escritura são escolas de vida que nos guiam até Jesus.

A *Lectio Divina* possui uma grande beleza, pois a mesma é encarnada na vida; não é um momento, mas um contínuo ler, meditar, orar e contemplar, uma verdadeira escola de vida sobre a Sagrada Escritura, que foi realizada por Maria em vários momentos.

Maria, além de herdeira de uma tradição espiritual, recebeu em seu ventre a própria Palavra encarnada; nesta perspectiva, Maria é a discípula que a Palavra plasmou, onde apresenta que Jesus é o Logos do Pai.

Referências bibliográficas

- AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico I*. Rio de Janeiro: A. Koogan editor, 1989.
- BENTO DE NÚRSIA. *La Regla de San Benito*. Trad. García Colombás. Santiago: Cal&Canto, 1995.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica: Deus caritas est*. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 01/02/2006.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2004.
- CASSIANO, João. Conferências 1 a 7. Trad. Aínda Batista do Val. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003. vol. 1.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CLÉMENT, Olivier. *Fontes: os místicos cristãos dos Primeiros Séculos, textos e comentários*. Trad. Monjas beneditinas no Mosteiro de Nossa Senhora das Graças. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA: *DEI VERBUM*. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 12/01/2006.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MIHALOVICI, Maria Ionel. *Fuentes del Pensamiento Judío*. Madrid: Studium, 1974.
- OLIVEIRA, Bernardo. *À semelhança de Maria: catecismo mariano contemplativo II*. Trad. Ruperto Antônio Jaeger. São Paulo: Loyola, 1990.
- PAPA PAULO VI. *O culto à Virgem Maria: Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria*. Petrópolis: Vozes, 1974.

- REGNAULT, Lucien. *À escuta dos pais do deserto hoje*. Trad. Monjas beneditinas do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2000.
- ROCHA, Paulo et alli. *Lectio Divina: ontem e hoje II*. Salvador: [s.n.], 1989.
- SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SPINOZA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. [s.l.]: Imprensa Nacional, 1988.
- TARNAS, Richard. *Epopéia do pensamento Ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VEILLEUX, Armand. *Lectio Divina como escola de oração entre os Padres do Deserto*. Rio Negro, [s.n.], 1995.